

IN MEMORIAN

João Francisco Cêntola Nóbrega (21/04/1937 – 28/05/2001)

Na noite deste 28 de maio, por volta das dez e meia, perto de Pongaí, no retorno de Andradina, onde fora a negócios de uma de suas fazendas, deu-se o lamentável acidente de estrada, mais um, desta vez levando-nos o João Nóbrega. Um oftalmologista dos mais respeitados em todo o Brasil, admirado pela clareza e precisão de seus conhecimentos sobre Óptica ocular mas, também e principalmente, até fora de nossas fronteiras, pela arte e ciência com que dominava tudo que se referisse aos estrabismos e às afecções correlatas.

Perde Ribeirão Preto, cidade onde ele nasceu (filho de Nélson Rodrigues Nóbrega e Izabella Cêntola Nóbrega) e teve seus filhos (Rodrigo e Paula, casados com Cláudia e Eber), onde trabalhou e para a qual deu o prestígio de sua atuação profissional.

Perdem seus colegas, desde os mais antigos, os do começo dos estudos fundamentais no Grupo Escolar Dr. Guimarães Júnior, aos que depois vieram, no Colégio Estadual, nos quatro anos do Curso Ginásial e nos do então chamado Científico, este concluído em 1955, mas na Instituição Universitária Moura Lacerda, à qual se transferira, para ter mais tempo de estudos preparatórios aos exames vestibulares do curso de Medicina. Foi aprovado em 4º lugar no concurso de ingresso à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. É dessa época que o conheci melhor. E desde quando a convivência aumentou, com ela veio chegando o reconhecimento de suas qualidades pessoais: a inteligência participativa, a honestidade, o caráter confiável, a criatividade fervente, o refinamento e o respeito até em suas galhofas ou traquinagens. Sobretudo, a amizade leal e generosa. No quarto ano da Faculdade (1960) foi aluno Monitor do Departamento de Higiene e Medicina Preventiva mas, simultaneamente, dedicou-se tanto à criação de um curso preparatório para vestibulares (César Lattes) que não pôde seguir com a turma com a qual ingressara na Faculdade, graduan-



do-se, então pela de 1963. Mas tão querido fora em seus anos acadêmicos, que não perdeu a turma inicial e ganhou a seguinte. Entrementes e até bem depois de formado (1970), um professor dedicado ao atendimento de seus alunos e um didata excepcional na exposição dos assuntos mais complicados de suas aulas de Óptica, (prenunciando sua escolha da especialização médica) e de Matemática..

Perde o Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no qual fez sua residência (1964-65). Concluída, montou consultório. Mas motivado pelo Curso de Ortóptica de sua esposa, Maria Raquel (1967-70), voltou a esse Departamento (1972), especificamente buscando conhecimentos no Setor de Estrabismo, nele realizando estudos dos quais resultaram suas primeiras publicações e prêmios (Menção Honrosa do Prêmio Masson de Refração, 1972; Prêmio na VI Jornada do C.B.E. e outros que depois se seguiram). Nunca mais dele se afastou. Tornou-se Auxiliar de Ensino Voluntário do Departamento (agosto de 1973) e responsável pelo seu Setor de Estrabismo (20/06/74 a 15/04/75), quando estive no The Smith-Kettlewell Institute of Visual Sciences. Uma Portaria Reitoral de 15/02/1979, sustando a docência voluntária na USP, levou a que o vínculo com o Setor de Estrabismo do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da FMRP - USP.

passasse a se fazer por meio do título de Médico Adido pelo Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. O Processo (HCRP 4496/79) ficou regularizado somente no ano seguinte, mas, a partir de então, a participação foi renovada (desde 1981) como “Médico Colaborador”. Embora não tivesse optado por receber titulações acadêmicas formais, em 1987, seu nome foi aprovado pela Congregação da FMRP, para que ele pudesse fazer parte de Banca Examinadora de Mestrado (de Marcelo Siqueira de Freitas), condição que correspondia à admissão explícita de seu “reconhecido saber”, pela USP. Na formação de residentes, sempre dedicou seus melhores conhecimentos no diagnóstico e formulação de estratégias terapêuticas a pacientes do Setor de Estrabismo, assim como garantia, com sua habilidade operatória, a correção dos casos cirúrgicos mais difíceis. Um auxiliar cuja perda é inestimável.

Perdem o Centro Brasileiro de Estrabismo (do qual foi Presidente entre 1975 e 1977) e o Conselho Latino-Americano de Estrabismo (no qual, entre 1974

e 1976, foi Editor da Revista Latino-Americana de Estrabismo, que então se criara), em cujas reuniões demonstrava toda a sua habilidade profissional, a capacidade didática nas exposições e a firmeza lógica das argumentações, temperadas por aquele vozeirão tonitroante, mas amistoso.

Perdem seus pacientes, aos quais dedicava sua indiscutível competência e uma irrepreensível postura ética. Exigente nos tratamentos e intolerante com negligências das famílias de seus pequeninos pacientes, chegava a passar por rude para poder corrigi-los. Mas conseguia, sempre, o que almejava.

Perdem todos, enfim, mesmo os que não o conheceram. Pois pessoas assim, íntegras e construtivas, são as que o mundo precisaria de ter mais. E que fazem uma enorme falta, principalmente quando dele saem.

HARLEY E. A. BICAS

Docente e Chefe do Departamento de Oftalmologia